

REGULAMENTAÇÃO E CONTROLE: A POLÊMICA DA INTERINCOMPREENSÃO EM DISCURSOS SOBRE A MACONHA

Marcio Rogério de Oliveira CANO⁸⁸

Ricardo CELESTINO⁸⁹

Resumo: Em contribuição aos estudos enunciativo-discursivos propostos pela Análise do Discurso de linha francesa, de Dominique Maingueneau (2006, 2007, 2008, 2012), analisamos o discurso jornalístico *Crônicas do Jornal*, de Arnaldo Jabor, veiculados no telejornal *Jornal da Globo*, e o discurso de regulamentação da maconha, do presidente uruguaio José Pepe Mujica. Examinamos a polêmica da interincompreensão que se instaura nos discursos supracitados, ao problematizarmos a palavra regulamentação, em uma alternativa política de controle do consumo e venda da maconha no Uruguai. A divergência de ambos os discursos situa-se na maneira em que um traduz o outro, a partir das formações discursivas que os institucionalizam politicamente.

Palavras-chave: Polêmica da interincompreensão. regulamentação da maconha. Análise do Discurso. Arnaldo Jabor. José Pepe Mujica.

Abstract: *In contribution to the enunciation-discursive studies proposed by the French-line Discourse Analysis, by Dominique Maingueneau (2006, 2007, 2008, 2012), we have analyzed the journalistic discourse Crônicas do Jornal, by Arnaldo Jabor, aired on the TV news Jornal da Globo, and the marijuana regulation discourse, by the Uruguayan President José Pepe Mujica. We have examined the controversial interincomprehension which is established in the above mentioned discourses, when problematising the word regulation, in an alternative control politics of consumption and sale of marijuana in Uruguay. The divergence of both discourses lies in the way in which one reflects the other, from the discursive formations that institutionalize them politically.*

Keywords: *Interincomprehension polemic; marijuana regulation; Discourse Analysis; Arnaldo Jabor, José Pepe Mujica.*

⁸⁸ Professor Doutor de Língua Portuguesa da Universidade Federal de Lavras, UFLA, Minas Gerais, Brasil. E-mail: mr.cano@uol.com.br.

⁸⁹ Mestrando do Programa de Estudos Pós-graduados em Língua Portuguesa, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUCSP, São Paulo, Brasil. E-mail: ricardo.celestino2003@gmail.com

Considerações Iniciais

Este artigo tem como tema o estudo da polêmica da interincompreensão entre o discurso jornalístico *Crônicas do Jornal*, de Arnaldo Jabor, veiculado pelo suporte televisivo da *Rede Globo*, no telejornal *Jornal da Globo*, e o discurso de regulamentação da maconha, proferido pelo presidente uruguaio José Pepe Mujica nos programas TV Folha e TV Brasil.

A polêmica da interincompreensão, proposta por Maingueneau (2008), consiste em uma categoria que examina, no espaço discursivo, as diversas possibilidades de posições enunciativas que, em conflito, geram semas positivos e negativos em um mesmo discurso. Em outras palavras, para o autor há um embate constante, em alguns discursos, entre o ato de enunciar em conformidade com as regras da formação discursiva e o ato de traduzir o sentido dos enunciados do Outro, estabelecendo uma relação de oposição e polêmica.

Comprendemos que o uso de drogas e, especificamente, a regulamentação da maconha proposta por Uruguai reflete um tema de grande polêmica na sociedade atual, por reunir diversas formações discursivas distintas. Trata-se de um tema que pode ser compreendido a partir de diversos campos discursivos, dos quais selecionamos o da política, em que de um lado há a ideia de que o projeto uruguaio se trata de um populismo do governo uruguaio que simpatiza com a esquerda latino-americana, enquanto de outro há o sema de que o projeto é inovador e reflete uma necessidade social mundial que nenhum líder político teve coragem de discutir com propriedade.

Assim, a análise que propomos, pautada na premissa de que a polêmica se localiza no interior do discurso de um e de outro, é apenas o início de uma grande vereda, possível de ser ampliada em estudos futuros, tanto no que diz respeito ao tema selecionado – a questão da regulamentação da maconha – quanto à categoria selecionada, a polêmica da interincompreensão na Análise do Discurso de tendência francesa.

A descriminalização das drogas e o projeto de estatização da produção da maconha no Uruguai.

A questão das drogas no Brasil é um tema de grande polêmica. Pela condição marginal em que é colocada, muitos discursos são produzidos e outros tantos são calados, o que possibilita uma observação a partir de vários campos discursivos da política, da economia, da saúde, da

cultura, dentre outros. Porém, podemos concordar com Silva (2007, p.1) que no contexto da discussão atual sobre esse assunto, há consenso da existência de dois aspectos levantados em quaisquer esferas sociais que discutam o tema: *de um lado, a produção, a comercialização e a oferta; de outro o consumo de substâncias e suas consequências.*

Para a autora, ambas as facetas convivem em interdependência na sociedade. A produção, comercialização e oferta de drogas só existem, porque há uma demanda que estimula esse processo. Assim, para o Estado viabilizar planos no combate às drogas, é necessário observar essas duas facetas na mesma proporção. Ao considerar criminalização a produção, comercialização e oferta, além do consumo e, por outro lado, as consequências serem tratadas como problema de saúde e de dependência, cria-se um hiato entre os dois aspectos, o que possibilita um fosso de produção discursiva complexa, com posicionamentos vários acerca da questão.

Dentre os discursos possíveis, podemos citar aqueles relativos às políticas antidrogas, que, segundo Acserald (2003), precisam ter como pressuposto mais a prevenção do que a repressão. Para o autor, a repressão pela repressão não previne o uso indevido de drogas, mas coage os usuários que, ao manterem a mesma prática, acabam assumindo o papel social de marginalizados.

Silva (2007) compreende que o consumo de drogas pode extrapolar as condições de decisão e escolha das pessoas. Um determinado usuário pode consumir drogas de forma ocasional e recreativa, sem comprometimentos no que diz respeito a dependências orgânicas ou psíquicas. Todavia, também há o usuário que possui dependência e que deve ser compreendido como um sujeito que sofre de um distúrbio ou uma doença tão comum quanto o alcoolismo, o tabagismo, dentre outros.

A consciência dos efeitos danosos consequente do uso de drogas, segundo Silva (2007), levou a sociedade brasileira e internacional a construir, lentamente, uma tendência de enfrentamento do consumo de drogas na perspectiva de prevenção. A partir da década de 1990, quando estudiosos da área da saúde e de políticas públicas notaram a falta de resultados positivos em projetos de caráter repressor, deram início, paulatinamente, a projetos que tinham como fundamento prevenir e tratar o usuário de drogas.

A tendência de prevenção e tratamento aos usuários rompeu com o paradigma social acerca de como observar a temática drogas. Compreende-se, segundo Silva (2007), que a questão da prevenção e do tratamento constitui-se hoje como uma construção coletiva, que

envolve os sujeitos em todas as suas relações sociais. A participação direta ou indireta das diversas instituições que constituem o sujeito enquanto ser social influenciará no rumo de quaisquer projetos que almejam o combate aos dependentes químicos. Ainda, segundo o autor, o fortalecimento de políticas que têm como pressuposto a prevenção e o tratamento é fundamental para a emancipação da sociedade humana.

Em vista disso, nos deparamos, no segundo semestre de 2013, com projeto proposto pelo presidente uruguaio José “Pepe” Mujica sobre a estatização da maconha. Contudo, o projeto gerou grande polêmica na comunidade internacional, uma vez que a figura de Mujica é marcada por seu posicionamento político de *esquerdista sulamericano*, o que possibilitou vincular a discussão e o projeto a esses traços esquerdistas dele, mobilizando uma resposta de outros setores políticos enviesados pela possibilidade de discussão política que, muitas vezes, pode colocar a discussão sobre o projeto para segundo plano.

Ex-guerrilheiro tupamaro, Mujica tornou-se destaque internacional em seu primeiro mandato, observado como um dos políticos cujas ações rompem com o paradigma de seu lugar de poder. Segundo a revista Carta Capital, Mujica abriu mão de 90% do salário e preferiu morar em sua chácara, do que na residência oficial. Para a revista americana Foreign Policy, Mujica está entre os cem pensadores mais importantes de 2013, por redefinir o papel da esquerda no mundo. Em plena derrocada da esquerda latino-americana, devido à morte de Hugo Chávez, Mujica torna-se um novo símbolo de representação da esquerda e de críticas de movimentos opositores.

As propostas de Mujica mobilizam as mídias e instituições não só nacionais, como internacionais, devido a sua ousadia em tocar temas *tabus* de grande polêmica na sociedade. Apenas em 2013, Mujica propôs projetos de legalização do aborto até o terceiro mês, a liberação da união civil homoafetiva e a estatização da maconha, que foi aprovada pelo Senado por 16 votos a favor e 13 contra. Tais medidas elevaram a imagem do presidente uruguaio como um dos principais progressistas da atualidade, para os grupos da esquerda, e um neo-chavista populista para os grupos da direita.

O projeto de estatização da maconha no Uruguai tem como objetivo a redução da criminalidade no país. Não se trata de liberar o consumo da erva, mas regularizá-la, a fim de substituir um mercado de regras marginalizadas e constituir um mercado estruturado pelo governo uruguaio. Opositores compreendem que o projeto não tem garantias concretas de êxito, o que leva a crer que o Uruguai será utilizado como uma espécie de laboratório para o

mundo. A Junta Internacional de Fiscalização de Estupefacientes, órgão das Nações Unidas responsável por supervisionar as convenções e o cumprimento sobre drogas, afirma que o projeto viola os tratados internacionais assinados, dentre outros países, pelo Uruguai, que determina o uso da Cannabis apenas para fins médicos e científicos.

No entanto, inúmeros países, dentre eles a Noruega, o México e a Suíça, questionam os maus resultados que os atuais projetos de combate e de proibição às drogas apresentam. Para os suecos, os projetos que têm como pressupostos a repressão e a proibição não têm surtido efeito para a diminuição do consumo de drogas e contribuem para afastar os consumidores dos tratamentos médicos que previnam doenças físicas e psicológicas em virtude do consumo de drogas.

Diante dessa realidade, o projeto de Mujica foi ressaltado como inovador por boa parte da crítica que deixa de lado o posicionamento político do presidente uruguaio. Em inúmeros depoimentos, Mujica prevê dificuldades, mas defende a ideia de que se trata de uma forma diferente de buscar minimizar a quantidade de vidas perdidas pelas drogas: desde ajustes de contas com traficantes, até questões de saúde física e psicológica. Afirma, ainda, que o projeto possibilita um caminho de combate não por meio da repressão ou da proibição, mas pela educação e conscientização do consumo desse tipo de substâncias, como há muito tempo se busca.

Diante da importância e da referência mundial que esse projeto constrói para si e das formas como se constituem as polêmicas por meio dos discursos produzidos por essa atitude, propusemos fazer esse estudo para desvelar a organização de um discurso polêmico e a forma como se dá o processo de interação discursiva que instaura tal polêmica. Em nossos estudos, privilegiamos o processo de relações interdiscursivas que se manifestam em vários campos como o jornalístico, o político, o publicitário, o literário entre outros. No espaço desse artigo, traremos os dados e sua análise de um dos aspectos da arquitetura discursiva que é a polêmica da interincompreensão. Tal princípio de análise deve colocar em evidência unidades tópicas ou atópicas que se localizam em uma mesmo campo ou no embate entre dois campos discursivos.

Para esse estudo, selecionamos um discurso tópico que pretende responder ao projeto do presidente do Uruguai, produzido pelo Jornalista Arnaldo Jabor e veiculado no *Jornal da Globo*, da emissora de mesmo nome. Levantamos, para isso, os traços que compõem os

sentidos que Arnaldo Jabor propõe para tal projeto e como deveria ser para tratar e desvelar a instauração da polêmica.

Para compreendermos melhor o que é a polêmica da interincompreensão, traremos uma reflexão teórica de partida, respaldados essencialmente em Dominique Maingueneau (2006, 2007, 2008, 2012), expoente da área de Análise do Discurso de linha francesa.

A polêmica da interincompreensão

A polêmica da interincompreensão tem como ponto de partida a reflexão sobre os semas, terminologia muito utilizada na linguística na área da Análise Sêmica (doravante AS). Entendemos que os semas são unidades semânticas mínimas de significado e para compreendê-las, na perspectiva da AS, é necessário partir de um conjunto de semelhanças e diferenças. Um exemplo disto é associar e dissociar o sentido das palavras cadeira e poltrona. Observaremos que existem semelhanças entre ambas as palavras que as colocam em um mesmo grupo de objetos, mas existem particularidades que as tornam diferentes e as individualizam de alguma maneira. Cada um dos elementos semânticos levantados que se distoam ou se assemelham constitui um sema.

A partir do que compreende a AS acerca dos estudos dos semas, Maingueneau (2008) propõe um olhar enunciativo-discursivo sobre o estudo da polêmica dos sentidos em um discurso. Por se tratar a Análise do Discurso de linha francesa (doravante AD) uma disciplina linguística que observa os enunciados em relação com a prática social, o autor compreende que toda e qualquer manifestação enunciativa está submetida a uma relação interdiscursiva de construção de sentido. Para o autor, o interdiscurso precede o discurso, já que é impossível conhecermos a prática social constante em uma prática enunciativa sem conhecer outros discursos que dialogam com o discurso em análise. Assim, o autor afirma que o interdiscurso deve ser observado como um sistema de restrições e coerções globais, uma vez que é por meio da interdiscursividade que encontramos um espaço de embate de diversas formações discursivas. Esse embate, para o analista, serve de unidade central para o estudo do discurso, já que pressupõe um processo dialógico, de relação nem sempre explícita, entre um processo enunciativo com outros processos enunciativos anteriores.

Compreendemos ainda que analisar o discurso pela sua relação interdiscursiva pressupõe a investigação dos dispositivos que vêm a conduzir a relação de um determinado

discurso com outro, ou ainda, com um determinado universo de discursos. Para Maingueneau (2008b), a relação com o Outro é o fundamento da discursividade, partindo do pressuposto de que uma interação discursiva se constitui a partir do diálogo existente com outros discursos - base do princípio dialógico e polifônico de Bakhtin (1992). A interação enunciativa, segundo o autor, é constituída pela forma com que um enunciador conduz diversos olhares de Outros discursos na constituição de seu próprio discurso. Se retomarmos o exemplo anterior, na perspectiva da AD, em uma palavra podemos ter efeitos de sentidos divergentes a partir de quem a observa, pois as coerções que serão realizadas para a construção do sentido são fruto de posicionamentos e de formações discursivas específicas, inscritas em um espaço histórico e social de cada indivíduo ou grupo de indivíduos.

A partir dessas reflexões, o autor propõe um quadro metodológico que categoriza o interdiscurso, a partir de uma tríade composta por: *universo discursivo*, *campo discursivo* e *espaço discursivo*.

Por universo discursivo, Maingueneau (2008b, p.33) entende um *conjunto de formações discursivas de todos os tipos que interagem numa conjuntura dada*. Por conjuntura dada compreendemos se tratar de espaços histórico-sociais delimitados que servem de condições de produção para diversos discursos. Segundo o autor, o universo discursivo é de pouca utilidade ao analista, pois representa uma *extensão máxima [...] de domínios suscetíveis de ser estudados*. Em outras palavras, trata-se de um todo vasto e impossível de ser apreendido em sua totalidade por um analista, já que este tem como finalidade observar os efeitos de sentido possíveis de um processo enunciativo, dentro de posicionamentos e formações discursivas mais delimitadas. Contudo, o universo discursivo possibilita uma abertura para delimitarmos os campos discursivos.

Maingueneau (2008b, p.34) define campo discursivo como um *conjunto de formações discursivas que se encontram em concorrência*. Segundo o autor, devemos compreender concorrência como um confronto de posicionamentos, ou a aliança destes, nos discursos que possuem uma mesma função social e divergem *do modo como deve ser preenchida* - ou da forma com que deve compreender sua prática social.

O recorte por campos não *define zonas insulares*, ou seja, não estabelece as fronteiras de influências que definem as condições de produção de um discurso. Isto nos permite refletir que se tratam de lugares abstratos que apenas possibilitam a consolidação de redes de trocas de formações discursivas, sem, ainda, delimitá-las. A noção de campo discursivo só permite

que notemos a existência de dois campos discursivos distintos que possuem uma mesma formação discursiva de base. Compreendemos que tais fronteiras incidem no posicionamento discursivo dos enunciados, bem como nas formas de desenvolvimento da prática social desempenhada pelo discurso.

Para completar a tríade, Maingueneau (op.cit.p.35) propõe, também, o *espaço discursivo*, delimitado pelo analista, que consiste em *subconjuntos de formações discursivas*. Mais delimitado que o campo discursivo, trata-se de um recorte de discursos, realizado pelo analista, que antecede o discurso a ser analisado e que influenciam na constituição dos enunciados do discurso em análise. Embora não represente a totalidade de formações discursivas que compõem seu interdiscurso, faz parte de todo o território de influências interdiscursivas que o analista construiu para o desenvolvimento de sua pesquisa. É a partir do espaço discursivo, que se definem como territórios da AD os espaços de trocas entre os discursos, que vêm a constituir inúmeras formações discursivas, que possibilitam espaço de trabalho para o analista.

Assim, Maingueneau (2008) propõe que no espaço discursivo há uma polêmica da interincompreensão. O autor compreende que em cada discurso há uma rede semântica, fruto da interação entre enunciador e coenunciador, com possibilidades de diversas posições enunciativas. Segundo o autor:

[...] não há dissociação entre o fato de enunciar em conformidade com as regras de sua própria formação discursiva e de “não compreender” o sentido dos enunciados do Outro; são duas facetas do mesmo fenômeno. (MAINGUENEAU, 2008, p.100)

Se levarmos em consideração que um enunciado possui um determinado posicionamento na prática social, constituído pelas formações discursivas no interdiscurso, compreendemos, segundo Maingueneau (2008, p.101), que *a cada posição discursiva se associa um dispositivo que a faz interpretar os enunciados de seu Outro, traduzindo-os nas categorias do registro negativo de seu próprio sistema*. Em outras palavras, é como se cada envolvido na enunciação possuísse um sistema de coerções próprio que constrói um simulacro do discurso do Outro, segundo um posicionamento e um conjunto de formações discursivas específicas. Assim, na enunciação, há em cada enunciado um conjunto de semas que são divididos em positivos e negativos. Essa categorização dos semas é realizada no discurso-

agente, já que é no posicionamento discursivo que os semas de um enunciado emergem, como dispositivos que servem de coerção para interpretar o discurso do Outro.

Maingueneau (2008, p.100) denomina discurso-agente aquele que se encontra em posição de tradutor do discurso do Outro e de discurso-paciente aquele que é traduzido. O ato de traduzir, para o autor, está relacionado ao fato de no interior de um mesmo sistema linguístico existirem zonas de interincompreensão recíprocas a determinados campos discursivos que possuem posicionamentos que se divergem. Em outras palavras, na enunciação há determinadas regras de passagem previstas no sistema de coerções e nas formações discursivas, que conduzem a um posicionamento de um grupo. Essas regras de passagem possibilitam interpretações distintas sem afetar a estabilidade do significante linguístico. Esse tipo de tradução é um mecanismo regular, relacionado, segundo o autor, *à constituição de formações discursivas que remetem, para além delas mesmas, a descontinuidades sócio-históricas irreduzíveis.*

A interincompreensão está no interior do espaço discursivo e inscreve-se na irreduzibilidade e redutibilidade de um posicionamento. Compreendemos que determinados temas, ao serem abordados por grupos sociais diferentes, são tomados de forma irreduzível, sem que sejam aceitas quaisquer possibilidades de invariância que venha a abalar os paradigmas que constituem as formações discursivas e o posicionamento daquele grupo. Dessa maneira, examinaremos, a seguir, como se dá a polêmica da interincompreensão em um discurso institucionalizado da mídia televisiva, acerca da temática da estatização da maconha no Uruguai.

Regulamentação ou controle? A polêmica da interincompreensão no discurso de Jabor sobre José “Pepe” Mujica.

Como afirmamos anteriormente, o projeto de estatização da maconha gerou grande polêmica nas mídias e demais instituições internacionais. De um lado, presenciamos aqueles simpatizantes ao projeto de Mujica, defendendo a ideia de que se trata de um passo nunca dado por nenhum líder político; por outro lado, instituições que relativizam a competência do governo uruguaio em possibilitar que o projeto saia do papel sem agravar ainda mais a atual condição dos consumidores de maconha e do narcotráfico.

Assim, selecionamos como amostra para nossa análise o artigo de opinião de Arnaldo Jabor, veiculado na Rede Globo de televisão, no bloco Crônicas do Jornal, no telejornal *Jornal da Globo*, que define de maneira explícita seu posicionamento referente ao tema. Transcrevemos a seguir, o discurso de Jabor:

Eu acho que quem tá muito louca é a América Latina, tão ligados? Estão estatizando a maconha? É a mesma coisa que fazem em todos os níveis da economia: o Estado quer controlar a vida, tudo na onda daquele Chaves, meu irmão, ou daquela Argentina careta que proíbe até viagem pro exterior. Como são incompetentes e não resolvem nada de importante, a América Latina só cuida de bobagens: ao invés de liberar ou proibir, resolvem estatizar, quando o desastre é exatamente o Estado.

Imagem a cena burocrática. Um viciado chega no departamento de drogas.

- Boa tarde, eu queria 300 gramas da boa.

- O senhor já pegou a senha?

- Que senha, cara?

- E além da senha tem de trazer certidão de nascimento original, dois retratos 3x4 com cabelo cortado, e também...

- Mas eu queria California Gold, vocês tem?

- Hermano, aqui não entra maconha imperialista, aqui só temos maconha de esquerda.

- E da brasileira, tem?

- Imagina! Vem tudo lá do Paraguai. E agora, depois do golpe neo-liberal que fizeram, aqui não entra mais o Itaipu Special.

- Pô, cara! Quebra meu galho. Toma aqui um troco ó!

- Tá legal! Mas leva maconha estatal.

- Mas essa eu não quero! É tudo palha!

- Hermano, é a maconha nacionalista! Maconha do povo uruguaio!

- Tô fora, meu irmão! Maconha não é droga. Droga é essa coisa que vocês tão vendendo aí, morô. (JABOR, 2014)

A partir da reflexão exposta anteriormente, acerca de que um discurso é constituído pelo diálogo com outros discursos, somos capazes de identificar que nossa amostra

selecionada é constituída pelos campos discursivos da economia e das políticas públicas para fundamentar o posicionamento político do enunciador, como podemos observar no recorte abaixo:

Recorte I

Eu acho que quem ta muito louca é a América Latina, tão ligados? Estão estatizando a maconha? É a mesma coisa que fazem em todos os níveis da economia: o Estado quer controlar a vida, tudo na onda daquele Chaves, meu irmão, ou daquela Argentina careta que proíbe até viagem pro exterior.

No enunciado *Eu acho que quem ta muito louca é a América Latina, tão ligados?*, o enunciador constrói seu discurso de maneira a ironizar o projeto de Mujica de estatização da maconha. Ao enunciar *quem ta muito louca*, o enunciador coloca-se como pertencente a um estereótipo de grupo social *usuários de droga* para iniciar seu discurso sobre o projeto de Mujica. Podemos compreender que a escolha do enunciador em iniciar seu discurso com um enunciado que o evidencie, mesmo que ironicamente, como pertencente a um determinado grupo social, possibilita dois efeitos de sentido: primeiro, o enunciador determina qual a temática que será desenvolvida na enunciação; segundo, determina seu posicionamento de oposição ao projeto de estatização da maconha, projetando-se na *persona* de um usuário para poder falar sobre o projeto, comparando-o como uma possível *droga*.

Identificamos, ainda, que o enunciador não responsabiliza o presidente uruguaio, nem a nação uruguaia pelo projeto de estatização da maconha, mas opta por enunciar *quem ta muito louca é a América Latina*, colocando todos os países latino-americanos no mesmo lugar que o Uruguai. A opção em selecionar todas as nações latinas e não apenas a uruguaia nos possibilita refletir que o Uruguai, assim como grande parte das nações latinas, possui um líder cujo posicionamento político é marcado - *extrema esquerda* - o que faz com que o enunciador pressuponha a adesão de todas as nações latinas ao projeto de Mujica ao mesmo tempo que transforma essa discussão específica em um espaço de embate entre posicionamentos políticos. Além disso, a simpatia desse grupo com a política chavista, que, nesta ocasião oferece a Mujica os holofotes que eram dados ao Chaves, colocando-o como um dos políticos mais inovadores do mundo, possibilita essa associação realizada pelo enunciador.

Temos, então, no primeiro enunciado do discurso, a revelação de um posicionamento acerca do campo discursivo político. Este posicionamento se estabelece no discurso no enunciado seguinte, *Estão estatizando a maconha? É a mesma coisa que fazem em todos os níveis da economia: o Estado quer controlar a vida, tudo na onda daquele Chaves, meu irmão, ou daquela Argentina careta que proíbe até viagem pro exterior*. O enunciador destaca *Chaves* e *Argentina careta* comparando-os ao Uruguai que decide estatizar a maconha. Defende, explicitamente, por meio dos enunciados *controlar a vida, na onda daquele Chaves* e *Argentina careta*, como forma de afirmar-se em oposição ao discurso-paciente. Essa estratégia que procura a adesão do co-enunciador, traz uma representação negativa de países marcadamente de esquerda como Argentina e Venezuela, transferindo esses traços negativos à imagem do Uruguai. Antes mesmo de pensar na proposta que o presidente Uruguai traz, ela já é introduzida por alguém que tem uma imagem construída negativamente. Assim o enunciador recorre à estratégia de atacar o sujeito para ironizar qualquer proposta vinda dele. Representar tanto a Venezuela como a Argentina e toda a América Latina dessa forma constitui-se como um modo de dizer sobre o outro atravessado por um discurso violento.

Ainda no recorte I, notamos que o enunciador realiza a primeira leitura acerca do projeto de Mujica: há uma proposta de estatização que tem como interesse o controle do Estado na economia do país. O projeto que tem como leitura, para Mujica e seus adeptos, de que se trata de uma inovação nunca tentada em nenhum país do mundo, para o enunciador da amostra selecionada é compreendido como um populismo chavista, que tem como pressuposto o controle da economia, da mesma maneira que fazem os países latino-americanos, destacando a Argentina. Este é o primeiro ponto que selecionamos que marca uma polêmica da interincompreensão. Identificamos que para o enunciador, um projeto de estatização da maconha deva caminhar em conformidade com um modelo econômico descentralizado do Estado, o que compreendemos como sema positivo dentro do sema de negação que o enunciador possui acerca do discurso paciente de Mujica.

A seguir, identificamos que o enunciador manifesta seu posicionamento acerca do ato de estatizar a maconha, refletindo sobre competência e controle.

Recorte II

Como são incompetentes e não resolvem nada de importante, a América Latina só cuida de bobagens: ao invés de liberar ou proibir, resolvem estatizar, quando o desastre é exatamente o Estado.

Novamente, o enunciador responsabiliza a América Latina pela irresponsabilidade política. Compreende que uma proposta coerente deve pautar-se na questão de liberar ou proibir, e estatizar passa a ser um gesto populista do governo uruguaio, que tem por finalidade chamar atenção da comunidade nacional. Afirma, ainda, que o Estado é um órgão de incompetência, estabelecendo uma relação de causa e consequência: *resolvem estatizar, quando o desastre é exatamente o Estado.*

Se levarmos em consideração as condições sócio-históricas de produção do discurso-paciente, identificamos que o projeto de Mujica tem como pressuposto a descriminalização da maconha, tendo por fim, com a estatização, iniciar uma política de liberação, cuja finalidade seja cultural e educacional. O fato de estatizar pressupõe que o Estado, ao invés de marginalizar seus usuários de drogas, passará a atendê-los enquanto indivíduos, seja pela dependência, seja como consumidores recreativos. O projeto de estatização tem por fim desencadear outros projetos, cuja finalidade seja a promoção da cultura de uso da maconha, tal qual há a cultura de uso de drogas lícitas como o álcool. O fato é que poucos projetos na comunidade mundial atenderam o usuário como indivíduo, ao passo que se preocupavam mais em combater o uso, marginalizar o usuário e, muitas vezes, até criminalizá-lo.

Esses traços apresentados compõem os sentidos que decorrem do projeto, porém, a leitura realizada no discurso-agente é outra, sofre uma espécie de tradução dos sentidos do discurso-paciente. Pelo Estado uruguaio ter um posicionamento político marcadamente de esquerda e pela simpatia que Mujica gerou em toda comunidade latino-americana esquerdista, e ainda, pelo posicionamento marcado do enunciador de oposição política ao presidente, a negação dos argumentos do discurso-paciente advém de que tudo que é enunciado por um enunciador que coadune com as formações discursivas da esquerda latino-americana será interpretado com negação. O fato de, no discurso-paciente, estar marcado o sema *controle do consumo e da produção* que fundamenta o projeto de estatização da maconha, pressupõe o sema *populismo de extrema esquerda* para o discurso-agente, que observa o discurso-paciente

como um projeto que tem a finalidade de apenas chamar atenção de eleitores e da comunidade internacional. A possibilidade de adesão do co-enunciador ao discurso-agente é que, historicamente, de fato as nações latino-americanas são marcadas com projetos de finalidade populistas e o enunciador utiliza esse sema como coerção para fundamentar todos os enunciados do Recorte II e tornar ilegítimo o projeto de Mujica.

Recorte III

Imaginem a cena burocrática. Um viciado chega no departamento de drogas.

- *Boa tarde, eu queria 300 gramas da boa.*

- *O senhor já pegou a senha?*

- *Que senha, cara?*

- *E além da senha tem de trazer certidão de nascimento original, dois retratos 3x4 com cabelo cortado, e também...*

No enunciado *Imaginem a cena burocrática. Um viciado chega no departamento de drogas.*, o enunciador propõe a cenografia do diálogo entre um viciado e um servidor público uruguaio, na compra da maconha estatal. Identificamos que o enunciador possui a referência de que os órgãos públicos executam serviços burocráticos que são sufocantes ao público. Projeta a imagem do atendimento de um servidor público a um cliente de maneira estereotipada, pronta na memória coletiva das pessoas que necessitam de serviços públicos no Brasil. Trata-se de uma generalização presente nas formações discursivas do brasileiro que se opõe aos serviços públicos nacionais. É uma realidade proposta pelo enunciador que referencia mais a prática social brasileira do que a uruguaia.

Ao levarmos em consideração o discurso-paciente de Mujica (2014a, 2014b, 2014 c), identificamos que ainda não foi proposta nenhuma rotina burocrática de como o consumidor terá contato com a maconha. Trata-se de um projeto que ainda não começou a ser implantado, cuja distribuição ainda está em estudo pelo governo uruguaio. Contudo, por se tratar de um projeto governamental, de um grupo político que, sob a classificação do enunciador, se trata de populista, o discurso-agente constrói o efeito de sentido de que se trata de um projeto burocrático, pois está contido nas formações discursivas do enunciador o sema de que todo projeto populista que se diz competente, pressupõe incompetência de execução desse grupo,

cuja intenção, para o enunciador, é de apenas construir boas ideias, impossíveis de serem materializadas. Podemos compreender como sema positivo do discurso-agente que tal projeto só poderia ser eficaz nas mãos de outro grupo político, que revelasse a imagem de um Estado competente, que detivesse controle de todo o funcionamento do projeto.

Novamente, compreendemos que a impressão do enunciador é fruto de sua comparação com projetos do passado, que são traduzidos por ele, como iniciativas populistas que não geraram bons resultados, mas apenas cenas burocráticas que desestimulavam grande parte da população. Ainda, a referência à burocracia é construída à luz de uma rotina brasileira e não uruguaia, e o enunciador pressupõe que um projeto de estatização da maconha, se executado de maneira burocrática, acarretará na contribuição do aumento do narcotráfico, pois legitimará este como órgão mais competente que o Estado, como observamos no recorte abaixo:

Recorte IV

- Pô, cara! Quebra meu galho. Toma aqui um troco ó!

- Tá legal! Mas leva maconha estatal.

- Mas essa eu não quero! É tudo palha!

- Hermano, é a maconha nacionalista! Maconha do povo uruguaio!

- Tô fora, meu irmão! Maconha não é droga. Droga é essa coisa que vocês tão vendendo aí, morô.

Nos enunciados *Pô cara! Quebra meu galho. Toma aqui um troco ó!*, o enunciador busca informar o co-enunciador de que o funcionalismo público uruguaio e brasileiro é passível de corrupção. Traduz que é pressuposta a corrupção em um projeto de um Estado liderado por um grupo que defende o posicionamento político de esquerda, o que reforça a impressão de descontrole, defendida pelo enunciador no início de seu discurso. Ainda, o enunciador constrói um estereótipo do consumidor de maconha, que é um indivíduo que buscará corromper o Estado, que faz uso de gírias como *Tô fora, meu irmão!* e *Morô!*, buscando identificar o consumidor de maconha a um estereótipo social que é marginalizado por outros grupos sociais como alguém que não detém o saber, os conhecimentos culturais, valores éticos e morais, dentre outras características que reforçam a imagem negativa desse

grupo de indivíduos presente na sociedade brasileira. O enunciador ignora o fato de, na prática social não só brasileira como mundial, o consumo de drogas não ser um hábito específico apenas de um determinado grupo de pessoas que não detém o saber formal e uma conduta ética e moral traduzida por ele como adequada, mas estar associada a um grupo vasto de pessoas, que engloba também intelectuais, artistas, jornalistas, dentre outros tipos sociais que fazem parte de seu convívio social.

No enunciado *Tô fora, meu irmão! Maconha não é droga. Droga é essa coisa que vocês tão vendendo aí, morô.* o enunciador traduz que a maconha que será oferecida pelo Estado uruguaio é uma maconha sem qualidade e a associa como *droga* no sentido de sem valor. Identificamos que o conceito de qualidade é divergente do discurso-paciente para o discurso-agente. Para o discurso-paciente, a maconha com qualidade é aquela que esteja livre, o máximo possível, de impurezas que prejudiquem a saúde, o que não é um parâmetro para o narcotráfico. No narcotráfico, encontra-se a maconha vendida de maneira mesclada com outras substâncias que podem impulsionar o vício, ou causar problemas na saúde do usuário. Por outro lado, o discurso-agente compreende qualidade como a maconha que trará o efeito esperado ao consumidor, em semelhança com a vendida no narcotráfico. O enunciador não preocupa-se em observar questões de saúde pública, mas em atender as exigências de qualidade do usuário que, assim como o consumidor de álcool, busca a maconha pelo efeito psico-motor que ela causa.

A falta de qualidade, traduzida pelo enunciador, é fruto de uma falsificação do próprio produto oferecido pelo Estado uruguaio. A maconha estatal é feita com palha e não com maconha. O serviço público irá ludibriar o consumidor, segundo o enunciador, substituindo maconha por palha. É possível compreendermos que esse é o posicionamento defendido pelo enunciador acerca do grupo que governa o Estado uruguaio: com propostas populistas, o grupo político conquista o povo vendendo palha no lugar de maconha. Contudo, essa ação, na visão do enunciador, potencializa ainda mais a rejeição do consumidor que retornará ao narcotráfico pela péssima qualidade da maconha comercializada.

Por fim, podemos sintetizar a análise realizada agrupando os semas observados. O agrupamento permite uma visão mais clara dos efeitos de sentido que geram a polêmica da

interincompreensão no discurso-agente de Jabor, quando o comparamos com o discurso-paciente de Mujica⁹⁰.

José Mujica	Arnaldo Jabor	
M+ ⁹¹	M+	M-
Controle	Liberação	Descontrole
Combate	Independência	Contribuição
Inovação	Descentralização do Estado	Populismo
Competência	Estado esclarecido	Incompetência
Qualidade	Consumo: maconha é igual ao álcool	Ineficiência

Considerações finais

Com esse quadro de fechamento da análise, podemos concluir que a polêmica não se instaura, como sempre se entendeu, no embate entre dois sujeitos que discutem sobre o assunto, mas se localiza no interior do discurso de um e do discurso do outro. Por meio do quadro, percebemos que a polêmica se instaura no interior do discurso de Jabor, pois ele confronta os semas positivos e negativos dentro do seu discurso. Os semas negativos podem ser vistos como uma “tradução” dos semas positivos retirados do discurso do presidente Uruguiaio, que entram em confronto com os semas positivos do próprio enunciador do discurso-agente.

Isso ocorre porque o sistema de coerções da formação discursiva onde se projeta o discurso-agente e os atravessamentos de outros discursos, portanto de outras formações discursivas advindas da política, economia, violência, humor etc, compõem um posicionamento do enunciador que refaz os sentidos dos semas e é no interior desse posicionamento que se deve problematizar a polêmica.

⁹⁰ Utilizamos a letra M, no quadro, como símbolo representativo dos semas para ficar em consonância com a forma utilizado por Maingueneau (2006).

⁹¹ Utilizamos a letra M como símbolo representativo dos semas para ficar em consonância com a forma utilizado por Maingueneau (2006)

A nosso ver, a polêmica da interincompreensão pode esclarecer uma questão muito debatida em vários setores da sociedade democrática, como por exemplo, ampliar a harmonia entre os diversos posicionamentos conflitantes existente no mundo. Ela nos mostra que a eficiência do acordo não está em quem ganha ou quem perde no embate discursivo, mas em quem consegue refazer os sentidos que circulam no discurso do outro. Pensar nessa estratégia nos parece bastante produtivo, porém não entramos em uma discussão assumindo o posicionamento um ou dois, a ou b, mas problematizamos esse conflito que surge dentro do próprio discurso de um ou de outro. Em nossa pesquisa, a polêmica se mostra não no discurso do presidente do Uruguai, nem no embate apenas dos dois discursos, mas no interior do discurso do enunciador que tem como referência Arnaldo Jabor.

Referências

ACSELRAD, Gilberta. Políticas de drogas e cultura de resistência. In.: GARCIA, Joana; LANDIM, Leilah; DAHMER, Tatiana (Orgs.). *Sociedade e políticas: novos debates entre ONGs e Universidade*. Rio de Janeiro: Revan/UFRJ, 2003.

MAINGUENEAU, Dominique. *Termos-chave da Análise do Discurso*. 2ª Reimpressão. Trad.: Márcio Venício Barbosa e Maria Emília Amarante Torres Lima. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

_____. A análise do discurso e suas fronteiras. *Revista Matraca*. Rio de Janeiro, v.14, n.20, p.13-17, jan./jun.2007.

_____. *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. *Análise de Textos de Comunicação*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SILVA, Selma Maria Muniz Marques da. A questão das drogas no Brasil. *III Jornada Internacional de Políticas Públicas*. São Luis, MA, 28 a 30 de agosto de 2007. p.1-8.

Sites

JABOR, Arnaldo. Comentário de Arnaldo Jabor sobre a estatização da maconha no Uruguai, no Jornal da Globo. In.: <https://www.youtube.com/watch?v=1KLNmuDHGLY>. Último acesso em 17/03/2014. 2014a.

MENEZES, Cynara. A ousadia de Mujica. In.: *Carta Capital*. publicado em 01/01/2014. <http://www.cartacapital.com.br/revista/779/a-ousadia-de-mujica-1404.html>. último acesso em 21/01/2014.

MUJICA, José Pepe. Mujica, a maconha uruguaia e a burguesia paulista. In.: <http://www.youtube.com/watch?v=NjrJzWT6xVg>. Último acesso em 17/03/2014. 2014b.